

# ARQUEOLOGIA

Atribui-se a Ágatha Christie a frase:

Tenho uma sorte enorme: o meu marido, quanto mais envelheço, mais ele gosta de mim!

O marido, Max Mallowan, era... arqueólogo!

**ARQUEOLOGIA E “DETETIVISMO”**  
Lembrei-me desta história, à primeira vista despropositada, porque arqueólogo e epigrafista são, na verdade, profissões a requerer, amiúde, estratégias de detetive.

E, na história de hoje, essa estratégia teve mesmo de ser adoptada e, afirme-se desde já, ainda vai ter de ser adotada de novo.

Numa bela tarde de verão, estávamos nós em casa do dr. Fernando Nunes Ribeiro, que foi governador civil de Beja, que escavou a *villa* romana de Pisões e reuniu relevante coleção de antiguidades, designadamente, arqueológicas. A mim o que interessava eram as pedras romanas com letras. Essas, que Nunes Ribeiro reunira e estão hoje no Museu Rainha Dona Leonor, fotografámos, medimos, analisámos.

– E mais, dr.? Sabe de mais inscrições romanas por aí? Fora das do museu, claro! Tem ideia de um tal José Mendonça Furtado Lindo Januário, de que Abel Viana falou?

– Sim, era um antiquário daqui.

– Era?

– Sim, já não está cá. Abalou para as bandas de Tavira, dizem!

E aí entrou a estratégia detetivesca, porque se suspeitara que Januário também colecionara inscrições.

Tavira? Vamos lá! Um contacto com a câmara, porque Abel Viana tivera o cuidado de dar o nome completo do senhor e poderia ser fácil, através dos cadernos eleitorais, por exemplo, saber dele. E soube-se logo, porque da câmara rapidamente responderam. Abençoados! Conhecia-se bem o “Zezinho de Beja”. Morava no Monte da Guerreira, em Estiramanténs, freguesia de Santo Estêvão. Lá fomos. Recebidos com a maior atenção, mostrou-nos tudo o que fora ajuntando, mesmo aquelas moedinhas preciosas, que bem escondidas tinha.

Aí estudei, pois, duas inscrições da área de Beja, de que hoje uma se mostra.

**A JOVEM SOLITÁRIA** Trata-se de uma placa de mármore de Trigaches, azulado, de 23,5 x 46,5 x 4,8 centímetros, partida em dois fragmentos que se ajustam, de modo que é possível reconstituir a inscrição por completo. Da parte de cima, e em baixo, ainda havia vestígios do rebordo que limitava o campo epigráfico e também a face de trás estava alisada: teria sido, por conseguinte, placa a encastrar no lóculo de um columbário.

O epitáfio, em latim, diz o seguinte:



## Cadê a pedra com letras?

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO ARQUEÓLOGO

MONIAE · LEVCINICI  
LIB · ANN · XVIII  
H · S · E · S · T · T · L

Usaram-se, como habitualmente, letras inclusas umas nas outras para tudo caber melhor no espaço, assim como siglas e abreviaturas, que se desdobram assim:

MONIAE · LEVCINICI /  
LIB(ertae) · ANN(orum) · XVIII (un-  
daviginti) / H(ic) · S(ita) · E(st) · S(it) ·  
T(ibi) · T(erra) · L(evis)

Que significa, em português:

“A Monia, liberta de Leucínico, de 19 anos. Aqui jaz. Que a terra te seja leve”.

Um texto singelo, dentro das normas habituais, obedecendo a um eixo de simetria. Houve cuidado na gravação e até o facto de se haver optado por escrever XVIII, em vez de XIX

(que ocuparia menos espaço), foi deliberado para se obter maior equilíbrio no conjunto.

Há, desde logo, um pormenor a prender a atenção: ninguém se identifica como promotor da homenagem; apenas se diz que a jovem foi liberta de Leucínico. Sua serva durante algum tempo, acabou Leucínico por lhe dar a liberdade, certamente devido aos seus bons serviços e, quiçá, imaginamos nós com a nossa mentalidade, por dela se haver enamorado. Tudo, porém, se nos mostra envolto em diáfano manto de discrição. Quem quiser entender que entenda. Minha dor é grande e mais não posso fazer do que homenagear desta sorte a minha amada!...

Do ponto de vista histórico cumpre assinalar a raridade dos nomes, seguramente, de raiz grega, como

normalmente o eram os nomes atribuídos aos servos. Vasculhando os livros que têm o rol dos nomes documentados na época romana, encontramos apenas a referência, em Rottenmann, na Áustria, a uma *Monia Secundina* que manda fazer, em vida, o seu epitáfio e o do “marido óptimo”; mas Monia é, aqui, nome de família e não nome único. E de *Leucinicis* nenhum testemunho há. Estremeci, no entanto, ao aperceber-me que “monia”, em grego, significava “vida solitária” e era nome dado também a um javali velho. Estremeci, ao pensar que a nossa Monia poderia ter ar infeliz. Não teve, decerto! Leucínico não deixou!

**DETETIVES EM AÇÃO** “Depois de mim, que será do meu museu? – interrogava-se Zezinho de Beja em entrevista

concedida a Ferreira Fernandes de que se mostra praticamente só o cabeçalho e fotografia na página do *Facebook* do grupo “Penso, logo existe Tavira”, com comentário exarado a 16 de julho de 2018. Aí se preconizava uma ação camarária para salvaguarda do que ainda restasse. “O que ainda restasse”... Que o único comentário ao texto é de Rosário Afonso: “E tudo o vento levou... Bye, bye, tesouro!”.

Nenhuma das epígrafes deu entrada no Museu Municipal de Tavira. Para onde foram? A fotografia então feita é, pois, a única prova da sua existência. Acreditam em mim, que fiz a foto e a estudei; mas onde é que ora estará? Documenta, como vimos, o testemunho do uso único de dois nomes antigos; daí o seu interesse histórico. Vamos à cata dela?